



# Gaiato



PORTE  
PAGO

Quinzenário \* 16 de Junho de 1979 \* Ano XXXVI — N.º 920 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## Direitos da Criança

VII — «A criança tem direito a uma educação, que deve ser gratuita e obrigatória, ao menos aos níveis elementares. Deve beneficiar de uma educação que contribua para a sua cultura geral e lhe permita, em condições de igualdade de oportunidade, desenvolver as suas faculdades, a sua opinião pessoal e o seu sentido das responsabilidades morais e sociais, e tornar-se um membro útil da sociedade.

O interesse superior da criança deve ser o guia dos que têm a responsabilidade da sua educação e da sua orientação; esta responsabilidade incumbe em primeiro lugar aos pais.

A criança deve ter toda a possibilidade de se entregar a jogos e actividades recreativas, que devem ser orientados para os fins visados pela educação; a sociedade e os poderes públicos devem esforçar-se por favorecer o gozo deste direito.»

Penso que ainda se não descobriu o segredo de despertar o apetite de saber. E isto deveria ser uma meta primária a atingir pela Escola, logo, so-

bretudo, a partir dos níveis elementares. Tanto mais que a criança é curiosa. Quer conhecer o quê, o como e o porquê das realidades que vai obser-

vando. Ensiná-la a pensar, estimulá-la a descobrir, proporcionar-lhe a alegria de chegar por si a conclusões há muito achadas — não importa! — parece mais importante que exibir evidências, metê-las pelos olhos e ouvidos dentro, dispensando ou reduzindo ao mínimo o esforço intelectual da criança. Ela começou por chupar o alimento mas, ainda com poucos meses, se vai tentando que o tome por uma colher, que se habitue a ensalivar, a mastigar, para mais facilidade das fases seguintes da digestão; e para crescimento da sua autonomia.

O acto do conhecimento é da espécie da gestação: é progressivo, mas tem o seu ritmo próprio; não se fomentam os partos prematuros.

A escolaridade longa nos níveis elementares é importante por isso mesmo. Aprender e jogar são actos simultâneos, são funções recíprocas no processo educativo. A brincar se

aprende e no saber se encontra um sabor lúdico que atrai a estender e a aprofundar os conhecimentos.

«Fazer grandes coisas como quem brinca» — assim explicava Pai Américo a eficiência da sua acção com os instrumentos pobres de que dispunha. Nesta

Cont. na 4.ª página



«Fazer grandes coisas como quem brinca» — ora aqui está!

## AQUI, LISBOA!

Tudo o que se possa fazer em favor da criança nunca será demasiado. Continuamos a pensar, porém, que pouco resultará na prática do conjunto das iniciativas levadas a efeito durante este Ano Internacional da Criança. Repetimos ideias já aqui expressas: Sem uma modificação radical da mentalidade dos adultos pouco se acrescentará em seu benefício. Diremos ainda que, em certos aspectos, se correrá, até, o risco de se criar um clima artificial ou utópico, susceptível de gerar autêntica alienação e um estilo de vida orientado para os padrões dominantes na «sociedade de consumo», com a satisfação fácil de todos os desejos ou prazeres, legítimos ou não, sem noção nenhuma dos valores fundamentais do sacrifício, da renúncia e do espírito de solidariedade que a todos deve envolver. No caso concreto da nossa sociedade correr-se-ão, porventura, riscos da mais acentuada discriminação entre pobres e ricos e o cultivar de sentimentos mais egoístas.

Realizou-se há pouco na capital a FILJUVENTUS, iniciativa espectacular, visitada por muitas dezenas de milhares de pessoas, oriundas de todo o País. Sem pôr em causa a intenção dos organizadores, vem-

nos à mente o título do comentário feito pelo enviado especial dum jornal belga ao 31.º Salão da Criança, realizado em Paris há meses: «Quando se vende (negocia) a criança». Com efeito, também aqui, a pretexto da criança, nos foi apresentada vasta área, onde se visaram essencialmente objectivos mercantilistas, apregoando a excelência dos produtos, desde os refrigerantes aos brinquedos sofisticados, desde os animais de alto preço às peças de vestuário mais diversas, dos artigos desportivos de grande valor material às mobílias e outros produtos.

Aproveitando as mais modernas técnicas de publicidade, próprias das «sociedades de consumo», desde os influentes auto-colantes aos jogos e «posters», dos balões, bebidas, revistas, brinquedos, chocolates e outras guloseimas, de tudo se serviram os expositores para acreditar os seus produtos, procurando sensibilizar as crianças para as suas marcas, de que dificilmente se esquecerão, e tendo em conta o poder de persuasão das crianças junto dos pais e demais familiares.

Aves e cães, por exemplo, de elevado custo, ao lado de brinquedos inacessíveis à maioria das crianças, levaram-nos

a pensar no comum dos pequenos da nossa Terra, sem posses, sem facilidades para tal. A discriminação, que acreditamos não procurada, estava bem patente nos mais variados aspectos, esquecendo a realidade que somos e o padrão de vida corrente.

Esperemos que novas iniciativas possam ser corrigidas nos seus defeitos, tendo em conta verdadeiramente a criança, e não usando esta como pretexto. De resto, para sermos sinceros, nem tudo se poderá considerar mau ou menos bom no certame em causa. Nos aspectos desportivos, artísticos e culturais, por exemplo, para lá de tonalidades ou tendências discutíveis, houve muito de apreciável.

■ As instituições particulares, pelo trabalho que executam e pela finalidade dos seus objectivos, mais do que favores, requerem respeito e consideração. Ao Estado, mais do que subsídios, pedem-se medidas que facilitem a sua acção e a remoção dos escolhos que, tantas vezes, injustamente, dificultam ou paralisam o seu agir.

Vejamos, por exemplo, dois casos onde a injustiça se po-

Cont. na 3.ª página

## NOTAS DA QUINZENA

● Nestes últimos dias, não temos feito quase nada senão andar a correr para hospitais. Mãos, pés e olhos são as partes mais atingidas pelos perigos do trabalho ou da brincadeira.

É em Penafiel, o nosso hospital — nosso até no carinho com que nos recebem e tratam. Embora, de vez em quando, nos despachem para o Porto, por falta de meios humanos e técnicos ao seu serviço.

Assim aconteceu com o nosso «Carona». Há dias fomos vê-lo ao Semide. Estava muito bem disposto. Que todos eram amigos dele! E ele? Bem, algumas asneiras que lá tinha feito, soubemo-las logo por um colega de camarata. Repreendemo-lo pelo mal que é, não sabermos estimar a amizade que os outros nos dão. Tudo muito compreendido e ele arrependido. Enviou cumprimentos e só perguntou pelo Félix. Aquele, massa humana bem semelhante, até nas asneiras, é fonte de solidariedade. A saída perguntámos às pessoas de serviço pelo comportamento do nosso rapaz. Pareceu-me que estranharam a pergunta: — «Não senhor, tem-se portado muito bem». Estranhei a resposta,

Continua na QUARTA página



## Novos Assinantes de «O GAIATO»

Numa das últimas edições transcrevemos, neste local, o excerto de uma carta «sobre o facto de um gaiato não distribuir pessoalmente o jornal no edifício» onde trabalham muitos Amigos nossos, o que, «por deficiente explicação, pode levar a errada interpretação de uma atitude». Por amor à verdade, que prezamos, solicitamos a publicação do seguinte esclarecimento: «O gaiato não podia ir, por uma questão de princípios, de gabinete em gabinete, vender o jornal. Podia (sim) deixar quinzenalmente os jornais que seriam distribuídos depois aos interessados por um funcionário da Empresa».

Hoje, a procissão vai recheada de dezenas e dezenas de novos assinantes! Há deles que mandam listas cheias. Outros

requisitam O GAIATO pessoalmente. Quase todos subscrivendo cartas escaldantes!

A filha de um Vicentino, daqui de perto, sente-se «muito feliz em ter conseguido, no emprego, oito assinaturas para tão precioso jornal».

Muitos leitores assíduos inscrevem-se no rol de assinantes pelos naturais desencontros com os pequenos distribuidores de O GAIATO. «É certo que não moro longe do centro do Porto — afirma uma leitora do Bairro de S. Roque — mas, de facto, nem sempre encontro um dos vossos Rapazes quando ando pela cidade. Como gosto imenso de ler o jornal, resolvi tornar-me assinante.»

Eis uma nota simpática, que aparece constantemente: «Quero dar uma prenda aos meus filhos. Lembrei dar-lhes uma assinatura de O GAIATO».

No meio da procissão há quem sintam amargura por não ser correspondido. «É o sab» — diria Pai Américo. «Aqui, no meu meio — afirma um leitor da Beira Alta — não consigo novos assinantes, apesar de ler locais de O GAIATO em reuniões de Igreja. Vou esperando... Mas mesmo alguns com curso liceal são analfabetos...»

Apesar de tudo, o «Famoso» continua a ser luzerna de norte a sul do País e em algumas comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo.

Registamos muitos assinantes novos de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Setúbal, Vila Nova de Gaia. E presenças de Tomar, Meleças, Castelo Branco, Palmela, Vila do Conde, Santo António dos Cavaleiros, Sabugo, Valbom (Gondomar), Armamar, V. N. Famalicão, Barcelos, Amadora, Almada, Odivelas, Sacavém, Bucelas, S. Pedro de Sintra, Cascais, Ta-

vira, Barreiro, Fafe, Matosinhos, Espinho, Amarante, Marinha Grande, Alfena, Mem Martins, Ermesinde, Figueiró dos Vinhos, Rio Maior, Fundão, Sacavém, Aveiro Paço d'Arcos, Trofa, Lordelo, Torres Novas, Paredes, Gondarém, Vila da Feira, Gafanha da Nazaré, Guimarães, Rio Tinto, Estoril, S. Mamede de Infesta, Gueifães, Terceira (Açores), Vermoim, Figueira da Foz, Loures, Miranda do Corvo, Leiria, Afife, Vinhais, Alcobaça, Covilhã, Mafra, Camarate, Pero Pinheiro, Queluz, Belas, Minde, Caminha, Amares, Oeiras, Sabrosa, Valongo, Monção, Vila da Feira, Alpedrinha, Laranjeiro, Cernache, Vila Verde, Castelo de Paiva, Avelar, Gondomar, Póvoa de Varzim, Paúl, Meinedo, Penafiel, Monte Estoril, Peso da Régua, Bombarral, Vilar Formoso, Serpa, Avintes, Seia, Oliveira de Azeimeis, Curia, Vila Nova de Cerqueira e Maia.

Além fronteiras temos Newark (USA), Eschweiler (Alemanha Federal), Sartrouville (França), Tunis (Tunísia) e Rio de Janeiro (Brasil).

Júlio Mendes

### RETALHOS DE VIDA

## O Luís Filipe



Chamo-me Luís Filipe Guedes Casimiro. Tenho 15 anos. Vim para a Casa do Gaiato de Beire (Paredes) com 9 anos. Tinha a terceira classe da Instrução Primária. Agora, o primeiro ano feito.

Vim para a Casa do Gaiato porque não tenho mãe. Ela morreu sobre o meu parto. Quem me criou foi uma senhora de idade, minha vizinha. Mas essa senhora já morreu. Meu pai, também. Ele esteve internado no sanatório com uma doença nos pulmões. Tenho cinco irmãos, mas não os conheço todos porque não somos todos direitos.

Gosto muito de cá estar. Assim tenho o meu comer a horas, brinco, trabalho na vacaria e cá vou passando o meu dia-a-dia.

Por agora não me lembro de mais. Nesta altura é quando não nos lembramos de tudo! Mas também não é agradável estar a contar coisas destas; antes não houvesse miséria, nem pobreza, nem luta, nem fome; antes houvesse paz e amor.

Como estamos no Ano Internacional da Criança, lembrei-me de contar um bocadinho da minha vida.

E, por agora, é tudo. Meus caros Amigos, um grande abraço deste vosso amigo

Luís



● Tem sido o bom e o bonito cá em Casa! Grande desordem. O que é? São os ninhos. Eles fogem das suas obrigações e vão à procura dos ninhos. Por mais que se lhes recomende, eles não ouvem e vão. Depois andam, cada um à sua maneira, a servir de pais das suas avezinhas. É vulgar nesta época ver delas nas mãos deles. É o seu mundo. É como que o manifestar espontâneo dum amor que não tiveram e agora querem.

● A casa-mãe! O ninho está feito. Há passarinhos... Há mães que os sentem, que os querem, que buscam neles a força da sua vida.

Agora há pilares já levantados para o seguimento de outras obras. São os quartos habitacionais com salinha ampla para pequenas comunidades. É urgente colocá-los e dar-lhes ambiente e comodidade onde eles se sintam em família.

Vai ser preciso muito cimento, muita tijoleira, pedras e tanta coisa que sabes ser necessário à construção.

● Marcolino é uma das muitas flores algarvias da nossa Casa. Ele é o chefe da primeira criação do «ninho». A pequena comunidade está debaixo das suas ordens, com a vigilância do aconchego materno. Também ele precisa desse aconchego. Ele é irmão do escondido Amândio. Eles mais outros são flores nascidas na lama, mas que têm o direito de ser a beleza do nosso quadro.

Ernesto Pinto

## Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª pag.

de considerar flagrante. O primeiro diz respeito ao preço do gás, produzido e distribuído pela Petrogal, companhia nacionalizada, logo ao serviço da Nação. Em cada zona ou concelho há um distribuidor, com exclusivo da comercialização do produto, com agentes nas localidades mais importantes. Ora vejam: se formos comprar ao agente onde se situa esta Casa do Gaiato, a dois passos, uma botija de gás fica-nos mais barata quinze escudos e quarenta centavos do que trazida aqui pela Petrogal. Dizem-nos que o facto se deve ao transporte. Seja. Mas então, uma instituição que está ao serviço da Comunidade não poderá usufruir os preços de revenda comuns? Será favor? Não poderia ser que aquilo que cabe aos agentes e distribuidores

revertesse a nosso favor? Ou será que somos tratados como simples negociantes, visando lucro material nas nossas actividades?

O segundo aspecto refere-se aos preços dos combustíveis. Pretende-se uma sociedade igualitária, o que está certo. As discriminações devem, portanto, acabar. Ora, não se compreende que uma Instituição ao serviço do Povo, sem demagogias, mesmo ao serviço do Povo, repetimos, pague os combustíveis ao preço corrente, quando há classes privilegiadas, como as dos Militares, que os pagam mais baratos? Não estaremos nós ao dispor da Nação, dando o melhor de nós mesmos pela promoção dos mais desprotegidos e dos mais fracos? Há coisas que não se entendem!

Padre Luiz

## Reflectindo

Nesta época do ano somos visitados pelos alunos de várias Escolas Primárias, cujos professores escolhem a nossa Casa como um dos lugares a visitar no seu passeio anual.

Temos notado da parte de alguns desses professores a preocupação de fazer da visita

à nossa Casa uma mensagem para os seus alunos, procurando ajudá-los a compreender a problemática que atinge outras crianças, que não têm, como elas, uma família natural para os educar e proteger.

Também nas nossas Festas, este ano, temos tido entre o público muitas crianças, a quem os pais querem dar a mesma mensagem que acima refiro acerca das crianças das escolas.

Num destes últimos dias fui abordado pelos elementos de comissão que têm a seu cargo promover várias actividades na fábrica onde trabalham. Queriam trazer os filhos dos trabalhadores a partilhar um dia com os nossos rapazes. Queriam que os seus filhos passassem a realidade da vida, para darem mais valor ao que têm e para compreenderem as necessidades dos Outros.

Creio que todas as atitudes acima referidas têm aspectos muito positivos. Numa época em que tanto se fala de educação, em que se procuram tantos caminhos, na certeza de que a educação tem um papel extremamente importante na formação daqueles que hão-de ser os homens e mulheres de amanhã, é bom verificarmos

que há educadores que não esquecem que a primeira condição de uma boa educação é a abertura aos Outros, a capacidade de sentir os problemas dos Outros. O homem foi criado para viver com os Outros, para viver em sociedade, dando o seu esforço e recebendo benefício do esforço dos Outros, sem que ninguém fique de lado, marginalizado. Sendo assim, qualquer forma de educação que não ajude a abrir os olhos e o coração para os problemas que atingem os seres humanos, é falsa e deseducativa.

Não duvidamos do amor que a maior parte dos pais têm pelos seus filhos. Não duvidamos do seu desejo de lhes dar o melhor. Educar na solidariedade, no respeito pelos problemas dos Outros, no fazer despertar a vontade de ajudar segundo as possibilidades de cada um, é preocupação que deverá estar presente em todos os pais que desejem cumprir bem a sua missão. O que dizemos a respeito dos pais, diz respeito, também, àqueles que escolheram como ocupação profissional a delicada tarefa de educar!

Padre Abel

# Direitos da Criança

Cont. da 1.ª pág.

economia procurou ele fazer render os seus dons e prolongar a sua resistência ao desgaste da vida tão absorvente a que se consagrou. Se no «fazer de cada rapaz um homem» assim provou Pai Américo o seu método, como não será ele válido na construção eminentemente reflexa que é a educação. Na verdade educar é estabelecer as condições favoráveis para o educando se fazer. O que educa é menos um escultor que tira da forma bruta outra mais perfeita e bela, do que o agricultor que prepara a terra, escolhe a semente, espera a germinação, sacha e rega e trata com desvelo. Mas «quem dá o incremento»?... A educação decorre no mundo da vida.

Nesta ginástica das faculdades que seria o objectivo primeiro da Escola Infantil e da Primária, se garante o próprio desenvolvimento delas e se funda o desabrochar da «opinião pessoal», do «sentido das responsabilidades morais e sociais», objectivo final e máximo da educação, que frutificará em mais «um membro útil da sociedade».

Decénios atrás, a criança que chegava à Escola Primária era empanturrada de conhecimentos algo desligados da experiência e da vida. Era sobrecarregada a sua memória mais do que estimulado o seu espírito inventivo. E muitas vezes assim se asfixiava um desejo

de cultura que a Escola só por si não dá: o apreço da leitura, o interesse pelas Artes, o gosto de pensar... Hoje a Escola ensaia caminhos novos, mas julgo que ainda não está na boa pista deles. Sabe-se menos em acto, o que não teria mal se fossem realmente mais largos os horizontes abertos à potencialidade de saber. Cuido que uma causa de desacerto está no uso não equilibrado dos meios sensoriais. Eles podem ajudar, mas não devem substituir o raciocínio. E este não se desenvolverá se não for exercitado.

O gosto sério de ler é dificultado pela proliferação de histórias ilustradas, que divertem os olhos mas não atingem profundamente o espírito. A banalidade da maioria das bandas desenhadas, das foto-novelas, com que se ilude uma autêntica aculturação, é também uma espécie de droga. Serve avultados interesses materiais de gente grande, mas não «o interesse superior da criança» que «deve ser o guia dos que têm a responsabilidade da sua educação e da sua orientação». Bulir-se-á com muitos interesses criados, mas restringir essa actividade editorial que desserve a cultura e a orientação nesse sentido da criança, é uma decisão que não sofre dúvidas.

A Cultura é hoje servida a nível governamental, não apenas por uma Direcção Geral, mas por uma Secretaria de Estado. A esta incumbe remover e promover. Se o segundo acto,

porque positivo, é certamente o mais importante, não autoriza a negar o seu papel ao primeiro, sobretudo nestes passos iniciais, ainda sem tradição, que aquela Secretaria está dando. É doloroso assistir ao contraste da prosperidade de Editoriais sem outro projecto que não seja o comércio, face às dificuldades com que lutam quase sempre iniciativas válidas ao fomento da qualidade da literatura infantil e juvenil. Para não falar do apequenamento a que se reduzem tantos adultos com o consumo de material impresso sem qualquer valor cultural, sem sombra de influência no enriquecimento do espírito, mesmo no campo

de edições recreativas que são legítimas e necessárias.

No capítulo da gratuidade do ensino, «ao menos aos níveis elementares», quão longe estamos de metas desejáveis. Que expressão terá a cobertura escolar das idades pré-primárias no nosso País? Quem tem acesso ao pouco que se oferece neste campo, se não tiver poder económico acima de médio? E mesmo a Escola Primária, embora isenta de propinas, custa nada pouco em tudo o mais que é necessário à sua frequência. Nós que o digamos, com o que anualmente importam as despesas escolares, largas dezenas de contos, só nesta Casa de Paço de Sou-

sa e no seu Lar no Porto! E se abordamos o acesso a níveis secundários e superiores, a «igualdade de oportunidades», independentemente da condição económica, é uma meta ainda muito distante.

Discorrendo, pois, a propósito deste parágrafo 7.º da Declaração dos Direitos da Criança, muito longe de esgotar um campo tão rico e fundamental como é o da educação, que estes aspectos levemente tocados nos ajudem a reflectir e nos disponham à grande tarefa por realizar, que bem merece a atenção prioritária e o empenhamento sem limites de todos — país, sociedade, poderes públicos — os que «temos a responsabilidade da educação da criança, da sua orientação», para que ela cresça harmoniosamente e «se torne um membro útil da sociedade».

Padre Carlos

## Habitação

■ Não é ocioso enumerar razões que motivam o tremendo déficit habitacional do País, agora da ordem de um milhão e duzentos mil fogos, com um dos parques mais antigos da Europa.

O responsável pelo Fundo do Fomento da Habitação declarou, recentemente, num encontro promovido pela Ordem dos Engenheiros: «Foi no domínio financeiro que houve a maior falha na política habitacional, se temos agora um modelo desajustado das realidades», antes de acrescentar ser um «imperativo» a execução de uma nova política habitacional.

Entre as medidas que apontou — e deveriam ser tomadas com urgência — dá especial relevo às seguintes: alargamento do leque das famílias que beneficiam de crédito bonificado, a sua concessão para a aquisição destinada a arrendamento, nova legislação de rendas que atenda ao princípio da justiça social, o financiamento à construção privada, a reabilitação do parque existente e uma maior descentralização regional. Ainda há pouco nos referimos exactamente a este pormenor!

No mesmo encontro, considerado «painel», realizado nas instalações do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, um conhecido técnico deste departamento, além de frisar a necessidade de um maior investimento por parte do Estado e aduzir que não é perfeito o estudo das carências habitacionais feito pelos órgãos competentes, acentuou que «é preciso desagregar as carências pelo

tipo de resposta a dar aos problemas».

Outro interveniente citou a aquisição de terrenos e o financiamento como os problemas que mais afectam as cooperativas (nós diríamos, também, a Auto-construção), tendo mais um técnico do FFH feito uma intervenção de índole técnica, envolvendo aspectos mais vastos que o do alojamento, designadamente infra-estruturas, a organização dos espaços e os solos.

■ Antes do encontro, o ministro das Obras Públicas empousara o novo presidente do FFH, tendo anunciado que iria ser presente ao Conselho de Ministros a lei orgânica do FFH que, segundo afirmou, corresponde às exigências e tem o total acordo dos competentes departamentos do Estado. Referiu, ainda, que já se encontram para publicação as portarias que definem as formas de empréstimo às cooperativas de habitação e a actualização dos empréstimos para habitação própria e juros bonificados.

■ Passou-nos, entretanto, pelos olhos o extracto de um editorial publicado recentemente,

que também nos serve de conclusão:

«Os verdadeiros problemas portugueses que nos impedem de progredir, que nos afastam da Europa a que queremos pertencer, são questões como esta, da habitação, com as suas consequências e interligações noutras igualmente essenciais, como a saúde, o ensino ou a alimentação. Temos o direito de exigir que os órgãos de soberania deixem de perder boa parte do seu tempo de funcionamento na discussão de questões formais...»

O problema da habitação não é fácil, evidentemente. Não se soluciona num ano nem em 10 e nunca, seja qual for o regime, ficará totalmente resolvido. Mas, em alguns meses, é possível fazer um inventário das necessidades actuais e futuras, definir prioridades regionais e sociais, obter e fixar financiamentos internos e externos, repartir o que cabe ao Estado, ao sector privado e ao sector cooperativo, englobar e conjugar nessa repartição iniciativas válidas, que as há por aí, desgarradas, sem preocupações de rótulo político...»

Júlio Mendes

## NOTAS DA QUINZENA

Continuação da PRIMEIRA página

pois esperava o contrário. Agradecemos-lhes a paciência(!), a delicadeza, a discrição... E viemo-nos embora. O Álvaro, meu companheiro de visita, comentou: — «Vai ver que foi ele que pediu ao pessoal para ninguém fazer queixa». Era capaz disso! E se assim foi, o mérito daquela mentirazinha ou omissão continua de pé, como sinal de compreensão e até de desculpa pelas marcas da vida que alguns dos nossos têm e bem fortes. Nós conhecemo-las com sofrimento. E é com alegria que as vemos diminuir. Mas demoram muito tempo, muitos anos, talvez até só a morte as destrua. Aqueles que compreendem este processo humano, partilham connosco da nossa vida. E nós, da sua, pela comunhão universal no Sofrimento e na Alegria.

● Pelas mãos do filho de uma professora de Braga, fomos entregues uma carta escrita pelos alunos de uma Escola Primária. Uma pequenina lembrança material anexa a uma mensagem grande: «Também somos crianças pobres de uma aldeia... e gostávamos muito de receber uma cartinha vossa!» Falavam ainda do Ano Internacional da Criança com votos de mais amor para as crianças mais esquecidas pelos adultos. Elas a falar do «seu» Ano, da sua vida também pobre... E nas entrelinhas estava o coração de um adulto a dinamizar o espírito da mensagem. Na sombra, para que a luz se projectasse mais além. É ainda grande o coração dos Homens!

Padre Moura



Director: Padre Carlos  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem: 39.000 exemplares